

PROJETO SOCIOLINGÜÍSTICA: PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO – UM PANORAMA LINGÜÍSTICO DA CIDADE DE GUARABIRA

Juliane Lopes Ribeiro Pedrosa¹

1. APRESENTAÇÃO

O Projeto Sociolingüística: Pesquisa, Ensino e Extensão (SPEX) teve início em outubro de 2002 na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – *Campus III* e apresenta como principal objetivo descrever o perfil lingüístico em nível fonético-fonológico e gramatical dos falantes da cidade de Guarabira, auxiliando, dessa forma, ao ensino de língua portuguesa nessa comunidade.

A descrição lingüística será possível através de análise a um *corpus* de língua falada composto por 24 informantes guarabirenses. Esse *corpus* será levantado sob a perspectiva da Teoria Variacionista Laboviana (LABOV, 1966; 1972; 1994; 2002), gerando dados para as pesquisas sociolingüísticas a serem realizadas pelo Projeto SPEX.

Esse modelo objetiva “*analisar e aprender a sistematizar variantes lingüísticas usadas por uma mesma comunidade de fala...*” (TARALLO, 1994, p.6), sendo necessário, para tanto, identificar os contextos sociais e estruturais que as restringem. Por ser empírico em seus métodos e ter como objeto de estudo o vernáculo, que é circunstancial e variável, depende da coleta de dados de fala natural de falantes reais e de seus resultados quantitativos, para, a partir daí, serem feitas observações precisas sobre falantes e grupos de falantes dessa comunidade, ou seja, este modelo é essencialmente comprometido com a sociedade.

Consoante Hora (1997, p.172) essa metodologia, que extrai as regularidades e tendência dos dados, tem resolvido muitas das dificuldades analíticas associadas aos julgamentos intuitivos usados em outros paradigmas. Desta forma, um modelo em que a língua seja vista como uma estrutura heterogênea ordenada elimina a busca dos falantes ideais e torna as comunidades lingüísticas acessíveis àqueles que se interessam pelo estudo da língua.

Além dos questionamentos que envolvam variação, será enfatizada a suas relação com o ensino, enfatizando o verdadeiro papel da escola na formação do cidadão, mostrando que o aluno sabe usar a língua que fala e que pode sistematizá-la através da escrita.

Com isso, é feita a união entre a Sociolingüística Quantitativa e Qualitativa, outra vertente da Sociolingüística cujo objetivo principal é trabalhar a variação relacionando-a ao ensino, pois propicia aos que fazem a área educacional perceber a importância de trabalhos que sistematizam a língua e que a utilizam como instrumento vivo de trabalho, criando nos alunos o interesse pela língua materna.

2. SOCIOLINGÜÍSTICA: PRINCIPAIS ASPECTOS

Em meados da década de 50, os estudos que insistiam na relação entre a língua e o social e na possível heterogeneidade lingüística começam a refletir sobre alguns pontos que intrigavam e até mesmo questionavam os pesquisadores da época:

*Se uma língua tem que ser estruturada para funcionar eficientemente, como as pessoas continuam falando enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de reduzida sistematicidade? Alternativamente, se pressões determinantes forçam a língua a mudar, e se a comunicação é menos eficiente na ínterim (como poderia dedutivamente seguir pela teoria), porque tais deficiências não podem ser observadas na prática?*²
(WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968, p.100-1)

Como tentativa de responder a essas perguntas, surgiu a Sociolingüística, que busca investigar a relação entre língua e sociedade, objetivando entender melhor a estrutura da língua e o seu funcionamento na comunicação.

A Teoria da Variação ou Sociolingüística Quantitativa tem por precursor o lingüista norte-americano William Labov, e é denominado de Sociolingüística Quantitativa por operar com números e tratar estatisticamente os dados.

É importante salientar que o grande avanço da Sociolingüística foi exatamente a reformulação da relação entre sistema, estrutura e homogeneidade, que os estudos anteriores insistiam em fazer. Para a Sociolingüística, o sistema e a estrutura podem ser vinculados à heterogeneidade, e apesar de ser essa ligação aparentemente contraditória, é possível provar que a heterogeneidade presente na fala é regida por restrições (lingüísticas e sociais), tornando-a passível de sistematização. Isso possibilita a descrição dos processos lingüísticos que ocorrem na fala, alcançando-se, dessa forma, a sistematização almejada.

Assim, a Sociolingüística tem por propósito explicar a mudança lingüística e suas relações com o social, ou seja, é o estudo de fatores lingüísticos ligados aos fatores sociais, acreditando, portanto, nas diferenças entre as formas de fala a depender do interlocutor, da situação, do nível de formalidade do discurso etc.

Para conseguir tal intento, a Sociolingüística Variacionista utiliza-se da língua como objeto de estudo, já que esta se apresenta como “*um objeto histórico e cultural que se constitui a partir da interação social entre os membros de uma determinada coletividade...*” (LUCCHESI, 1998, p.210), permitindo, dessa forma, demonstrar “*que a mudança não é apenas uma função do sistema lingüístico, mas uma função da interação da estruturação interna da língua com o processo social em que ela se realiza...*” (LUCCHESI, 1998, p.200)

Ao buscar resolver a questão da mudança lingüística, essa escola adentra em cinco problemas básicos que se encontram organizados e sistematizados em *Empirical*

¹ Profa. Ms. Titular da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

² *After all, if a language has to be structured in order to function efficiently, how do people continue to talk while the language changes, that is, while it passes through periods of lessened systematicity? Alternatively, if overriding pressures do force a language to change, and if communication is less efficient in the interim (as would deductively follow from the theory), why have such inefficiencies not been observed in practice?* (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968, p.100-1).

Foundations for a Theory of Language (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968). São eles: o problema das restrições (*constraints problem*), o problema do encaixamento (*embedding problem*), o problema da avaliação (*evaluation problem*), o problema da transição (*transition problem*) e o problema da implementação (*actuation problem*).

O primeiro problema é o das restrições, em que se definem quais são os fatores estruturais e sociais que favorecem ou restringem a mudança lingüística em estudo. Ao estabelecer hipóteses que possam condicionar as variáveis, a Sociolingüística comprova que não existe variação livre, já que a variação é determinada por fatores sociais e estruturais, surgindo, aqui, o uso de regra categórica vs variável em oposição ao uso de regra categórica vs opcional de Chomsky, já que essa última remete à variação livre não aceita pela Teoria Sociolingüística. Além dessa nova concepção, as regras variáveis exigem mais detalhes, pois, como mencionado acima, subentendem hipóteses lingüísticas e sociais para cada variável, sendo, portanto, chamadas regras explanatórias.

O outro problema a ser solucionado é o do encaixamento (*embedding problem*), ou seja, a análise das hipóteses lingüísticas e extralingüísticas levantadas a partir dos resultados obtidos nos dados. Neste passo, pretende-se comprovar ou não o encaixamento lingüístico e social da variável estudada. Muitas vezes, as conclusões são obtidas com ajuda de outros trabalhos que tenham algo em comum com a variável em estudo.

A avaliação, que é o terceiro problema, consiste exatamente na avaliação dos membros da comunidade a respeito da mudança em estudo, ou seja, os membros de uma comunidade, realizando seu julgamento sobre a variável que está sendo analisada. Isso pode ser feito pela comparação de diversos estilos de fala, fazendo um cruzamento com as classes sociais estudadas, ou ainda, em forma de testes que provoquem a utilização da variável pelos informantes (teste de produção) ou que questionem os falantes sobre as variantes que lhes foram apresentadas (testes de percepção).

Com o estudo em tempo real e aparente, pode-se obter as duas direções básicas na Variação Lingüística: variação estável e mudança em progresso³. Na mudança em progresso, a variante inovadora será mais usada pelos jovens, decrescendo em relação à faixa etária, e, por isso, a variante conservadora, que é mais usada pelos informantes mais velhos, tende a se extinguir com essa faixa etária, o que faz prevalecer na língua a variante inovadora. Na variação estável, por sua vez, há uma distribuição estável das duas variantes nas faixas etárias, aproximando, muitas vezes, o uso dos informantes mais novos ao uso dos informantes mais velhos.

Entretanto, é importante salientar que não será apenas a faixa etária que indicará qual a situação das variantes na pesquisa realizada, mas a relação entre a faixa etária e os outros fatores sociais estudados, tais como: classe social, escolaridade, sexo. Lembrando, também, que apesar de o tempo aparente dar os indícios da mudança, ela só será comprovada de forma efetiva através do tempo real.

Por fim, os dois últimos problemas são a transição (*transition problem*) e a implementação (*actuation problem*). A transição seria a resposta de como e por quais caminhos a língua muda, ou seja, a projeção histórica da variação (variação estável ou

³Varição estável seria a coexistência das variantes de forma estável, enquanto que a mudança em progresso seria o indício de morte de uma das variantes e consolidação da outra. Essas situações podem ser observadas através dos dois tempos: real, estudo da variável em tempos distintos de posse de uma amostra diacrônica, ou aparente, recorte transversal na amostra sincrônica em função da faixa etária dos informantes para se obter a primeira dimensão histórica da análise. (TARALLO, 1994, p. 63-65)

mudança em progresso) e a implementação seria por quê, quando e onde determinada mudança ocorreu, ou seja, o estudo da mudança em si.

Em outras palavras, inicia-se o processo de investigação no momento presente; volta-se ao passado para o devido encaixamento histórico das variantes, retornando-se, a seguir, ao presente para o fechamento do ciclo de análise (TARALLO, 1994, p.64).

A necessidade de a investigação ter início no presente (tempo aparente) e retornar ao passado (tempo real) se justifica pelo princípio da uniformidade.

Segundo esse princípio, as forças que atuam no momento sincrônico presente são (ou deveriam ser) as mesmas que atuaram no passado e vice-versa. Portanto uma teoria da mudança lingüística deve guiar-se por uma articulação teórica e metodológica entre presente-passado e presente (TARALLO, 1994, p. 64).

Assim, como foi dito antes, a pesquisa sociolingüística tem por objetivo principal a sistematização da variação. Para se alcançar tal objetivo, ela tem que formar um *corpus* baseado em dados naturais de fala, descrever detalhadamente a variável e suas variantes, estabelecer quais os possíveis fatores lingüísticos e sociais que influenciam a variável, encaixá-la lingüisticamente, avaliá-la e observar os processos de transição e implementação que a envolvem. Dessa forma, obtém-se o resultado esperado pelo pesquisador: dar conta da dimensão social, cultural e histórica do fenômeno lingüístico.

3. PROJETO SPEX: BREVE COMENTÁRIO

As propostas de pesquisa que compõem o Projeto já foram levantadas, contemplando fenômenos variáveis tanto na fonologia quanto na morfossintaxe:

- A realização do /s/ em posição de coda no falar guarabirense
- Variação lingüística: o processo de ditongação no falar guarabirense
- A concordância sujeito-verbo na fala da comunidade guarabirense
- A variação ter/haver na fala guarabirense
- Preconceito lingüístico: da origem ao social
- A monotongação no falar guarabirense
- Gírias na linguagem oral dos jovens guarabirenses

Em relação à perspectiva do ensino, algumas propostas também já foram feitas:

- Sociolingüística e ensino
- Aspectos pedagógicos da variação lingüística
- Preconceito lingüístico: da origem ao social

A partir dessas pesquisas buscar-se-á levantar um panorama lingüístico da linguagem guarabireNSE, dando perspectiva a outros estudos que possam contemplar mais fenômenos e que com isso possa respaldar um ensino mais realista e prático. Para tanto, os objetivos que norteiam o Projeto SPEX são:

- Traçar o perfil lingüístico, em nível fonético-fonológico e gramatical dos falantes das comunidades em estudo, observando restrições estruturais e sociais que interferem no uso da língua;
- Desenvolver estudos, em nível fonético-fonológico e gramatical, visando subsidiar o ensino de Língua Portuguesa em todos os graus;
- Identificar e sistematizar as variações lingüísticas com base no modelo teórico-metodológico variacionista;
- Estabelecer comparações, em nível regional e nacional, com estudos já realizados, salientando as divergências dialetais e as semelhanças.
- Definir a partir dos resultados obtidos as contribuições da Sociolingüística para o ensino;
- Capacitar pessoas para que atuem no ensino, discutindo questões como o preconceito lingüístico existente em sala de aula, o conceito de “erro” gramatical e forma de aplicação dos princípios sociolingüísticos na prática escolar.

Com base em trabalhos que seguem a linha variacionista e com uma análise preliminar da comunidade, acredita-se que os fatores sociais como nível de escolarização, faixa etária e sexo serão decisivos nos processos que são mais submetidos ao julgamento lingüístico; que será confirmada a interferência das restrições estruturais consideradas universais, corroborando, em geral, outros trabalhos em nível fonético-fonológico e gramatical; que devido ao não conhecimento da realidade lingüística e ao apego à norma padrão, haverá, de início, uma rejeição às variantes locais e, por fim, que os profissionais do ensino não estão conscientes da contribuição das pesquisas da variação lingüística para o ensino, apesar de perceberem a variação durante sua atuação em sala de aula.

Como mencionado anteriormente, a metodologia utilizada nos projetos de pesquisa é a proposta pela Sociolingüística Quantitativa ou Laboviana, caracterizando o corpus a ser levantado com entrevistas coloquiais de 24 falantes de Guarabira, sendo observados os seguintes fatores sociais:

* Nível de escolarização:

- 0 ano de escolarização – 12 informantes
- De 5 a 8 anos – 12 informantes

* Sexo:

- Masculino – 12 informantes
- Feminino – 12 informantes

* Faixa Etária:

- De 15 a 25 anos – 8 informantes
- De 16 a 49 anos – 8 informantes
- Mais de 50 anos – 8 informantes

É importante salientar que os informantes têm que ter nascido em Guarabira ou vindo morar na cidade desde os cinco anos de idade, não podendo ausentar-se por mais de dois anos consecutivos desse município.

Para a análise dos dados será utilizado o pacote de programas VARBRUL (Pintzuk, 1988, 1989). Com esse método de análise, será possível descrever os fatos lingüísticos estatisticamente, evidenciando a probabilidade de uso de cada variante em relação aos fatores sociais e estruturais controlados. Sistematizando, dessa forma, os contextos de ocorrências das variantes estudadas.

Além do levantamento do *corpus* e do desenvolvimento dos projetos outras atividades já estão sendo realizadas, como o levantamento bibliográfico sobre a sociolingüística, assim como sobre as variáveis de cada subprojeto.

4. ÚLTIMAS PALAVRAS

Apesar da realidade bastante peculiar que é observada na UEPB, alunos oriundos de diversas comunidades lingüísticas circunvizinhas, o Projeto SPEX vem se destacando cada vez mais na instituição, despertando nos alunos a perspectiva teórica da Sociolingüística e servindo, inclusive, como parâmetro para as monografias de final de curso.

É importante mencionar que infelizmente essa iniciativa não tem obtido recursos por parte dos órgãos de fomento nem tampouco da própria instituição, através de programas de bolsa ou ainda através na aquisição de material bibliográfico e tecnológico. O que vem acontecendo é a utilização de recursos de capacitação promovidos pelo próprio projeto para a aquisição de material bibliográfico e tecnológico para o desenvolvimento da pesquisa, retardando, conseqüentemente, o início do levantamento do *corpus*.

Espera-se que um maior conhecimento sobre o projeto e sua importância revertam esse quadro, facilitando, dessa forma, o desenvolvimento das pesquisas do SPEX. Só assim, será possível obter resultados dentro da comunidade lingüística de Guarabira e, futuramente, ampliar essa descrição a comunidades vizinhas presentes na UEPB.

REFERÊNCIAS

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Nós chegemu à escola, e agora? **Humanidades**, 7, 1991, p.194-6.
- BRAGA, M^a L., MACEDO, A. T. de, MOLLICA, M^a C., *et al.* **Introdução à Sociolingüística Variacionista**. Rio de Janeiro, 1994.
- BRANDÃO, S. F., OLIVEIRA, M.T.I. de. **Pesquisa & ensino da língua**: contribuições da Sociolingüística. Rio de Janeiro: Timing /UFRJ, 1996.
- CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistics theory**. Oxford: Blackwell, 1995.
- CHRISTIANO, Elizabeth. & HORA, Dermeval da. **Estudos lingüísticos**: realidade brasileira. João Pessoa: Idéia, 1999.
- GRACEZ, Pedro M. & RIBEIRO, Branca T (Org.). **Sociolingüística Interacional**: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998.
- HORA, Dermeval da (Org.). **Diversidade Lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997.
- _____. **Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB)**, 1993.

- LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem**: um percurso da Lingüística neste século. Lisboa: Colibri, 1998.
- MOLLICA, Maria Cecília. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- BRASIL, Ministério de Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa**: 1º e 2º ciclos. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- PINTO, Ivone I. & FIORETT, Maria Thereza G. **Tutorial para o pacote VARBRUL**, 1992 (Mimeo).
- SILVA, Giselle M. de O. e & SCHERRE, M. Marta P. S. (Orgs.). **Padrões Sociolingüísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Contradições no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1997.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1994.
- VERHOEVEN, Ludo. Sociolinguistics and Education. In: COULMANS, F. (ed.). **The handbook of Sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1996. p. 389-404.
- WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. I. "Empirical foundations for a theory of language change." In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Yakov. (Eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968.

